

SEÇÃO
DOSSIÊ**POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA:
posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG****FOR A FORMATION *QUEER*-GEOGRAPHIC:
positioning students of the Geography course at UEMS/CG****POR UNA FORMACIÓN *QUEER*-GEOGRÁFICA:
posicionamentos de estudiantes del curso de Geografía en la
UEMS/CG** [Victor Dantas Siqueira Pequeno¹](#)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS), Mato Grosso do Sul, Brasil.
E-mail: victorpequenogeo@gmail.com

 [Ana Paula Camilo Pereira²](#)

Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
(UEMS), Mato Grosso do Sul, Brasil
E-mail: apaulacape@uems.br

Resumo

O presente texto é fruto de um trabalho de conclusão de curso do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/CG), executado em 2021 e que teve como objetivo discutir as potencialidades e propor alianças entre a Geografia e as teorias *queer*, em específico as temáticas gênero e sexualidade, no que tange a formação de professores/pesquisadores em Geografia. A pesquisa, de caráter qualitativo-exploratório, contou com a participação de 20 discentes das turmas do 3º e 4º anos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia da UEMS/CG. Dentre os resultados, observou-se que as/os estudantes do curso de Bacharelado apresentam dificuldades

¹ Licenciado em Geografia pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/UUCG); Membro do Grupo de Pesquisa em Tecnologia, Território e Redes (GTTER).

² Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP), com estágio de pesquisa pela Université Sorbonne Nouvelle Paris III. Mestrado em Geografia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP/Presidente Prudente). Licenciatura e Bacharelado em Geografia pela Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD). Atualmente é docente do curso de Geografia (Licenciatura e Bacharelado) e do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Profissional em Educação da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), na Unidade Universitária de Campo Grande

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

em apontar disciplinas que possam incorporar as temáticas *queer*, enquanto que as/os estudantes do curso de Licenciatura, valorizam mais as disciplinas pedagógicas do núcleo específico de formação. A vista disso, um currículo que se fundamente numa Geografia *Queer*, pode vir a contribuir positivamente na construção de um fazer e saber geográfico plural.

Palavras-chave

Geografia *Queer*; Gênero; Sexualidade; Formação acadêmica.

Abstract

The present text is the result of a course conclusion work of the Degree in Geography at the State University of Mato Grosso do Sul (UEMS/CG), carried out in 2021 and which aimed to discuss the potential and propose alliances between Geography and queer theories, specifically themes of gender and sexuality, regarding the training of teachers/researchers in Geography. The research, of a qualitative-exploratory nature, had the participation of 20 students from the 3rd and 4th year classes of the Bachelor and Licentiate in Geography courses at UEMS/CG. Among the results, it was observed that the students of the Bachelor's course have difficulties in pointing out subjects that can incorporate queer themes, while the students of the Licentiate course, value more the pedagogical disciplines of the specific training nucleus. In view of this, a curriculum that is based on Queer Geography, can contribute positively to the construction of a plural geographic knowledge and doing.

Keywords

Queer Geography; Gender; Sexuality; Academic formation.

Resumen

El presente texto es resultado de un trabajo de conclusión de curso de la Licenciatura en Geografía de la Universidad Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS/CG), realizado en 2021 y que tuvo como objetivo discutir las potencialidades y proponer alianzas entre Geografía y teorías queer, específicamente temas de género y sexualidad, en cuanto a la formación de docentes/investigadores en Geografía. La investigación, de carácter cualitativo-exploratorio, contó con la participación de 20 alumnos de las clases de 3º y 4º año de los cursos de Bachillerato y Licenciatura en Geografía de la UEMS/CG. Entre los resultados, se observó que los estudiantes del curso de Bachillerato tienen dificultades para señalar materias que puedan incorporar temas queer, mientras que los estudiantes del curso de Licenciatura, valoran más las disciplinas pedagógicas del núcleo de formación específico. En vista de ello, un currículo que se base en la Geografía *Queer*, puede contribuir positivamente a la construcción de un saber y hacer geográfico plural.

Palabras-clave

Geografía *Queer*; Gênero; Sexualidad; Formación académica.

Introdução

A segunda metade do século XX foi marcada por intensas mudanças e/ou transformações radicais na produção global científica em meio a conjuntura dos movimentos sociais feministas e dos movimentos gays e lésbicos. Nesse mesmo cenário, na virada da década de 1980 para 1990, consolidou-se nos Estados Unidos, uma nova abordagem para as questões de gênero e sexualidade no âmbito das Ciências Sociais, denominada como teorias *queer*. Esta, passou a focalizar o gênero e sexualidade na perspectiva histórico-social, culturalista, discursiva e/ou performativa, sendo fomentada pelos teóricos pós-estruturalistas e pós-coloniais (WOLFF; SALDANHA, 2015). Todavia, a inserção destes temas nas demais áreas do conhecimento foi gradativa, haja vista os resistentes paradigmas e “olhares” de recusa e/ou deslegitimação que

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

consideravam tais pautas como periféricas e/ou de baixo prestígio científico. Dentre as ciências que adiaram a inclusão de tais debates, encontrava-se a Geografia.

Em meados da década 1980, as/os especialistas da Geografia Cultural anglo-americana, prepararam o terreno para as discussões pós-estruturalistas de gênero e sexualidade no meio acadêmico geográfico tendo como marco a publicação do livro *Geography and Gender: An Introduction to feminist Geography*, publicado em 1984 pelo ‘*Women and Geography Group*’ do *Institute of British Geographers*. Um marco que possibilitou não só a incorporação das teorias feministas, como fomentou a criação de uma Geografia Feminista, que passou a ser considerada um dos campos da Ciência Geográfica. Posteriormente, nos anos 1990, frente o avanço das teorias *queer* na produção científica, a Geografia foi uma das ciências que se apropriou desse campo de conhecimento, uma vez que passaram a ser desenvolvidos estudos e/ou pesquisas que fomentaram em outros subcampos, a Geografia do Gênero e da Sexualidade (BORGHI, 2015).

A vista da sua profusão teórico-metodológica, entende-se *queer*, na perspectiva geográfica, como aqueles estudos que versam sobre espacialidades e/ou práticas espaciais, territorialidades entre outros fenômenos que são protagonizados por grupos marginalizados e/ou não-hegemônicos, assim, interferindo em suas condições de existência e/ou demandas. Tais estudos têm entre seus objetivos questionar, mobilizar e/ou superar processos de opressão/ou exclusão, conhecimentos, saberes, discursos, narrativas, e outros mecanismos utilizados para manutenção do poder e privilégio dos atores e/ou agências hegemônicas (SILVA, 2005; ORNAT, 2008; REIS, 2015).

Com base nessa reflexão, a questão que orientou nosso estudo foi: existem nos currículos dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia da UEMS/CG disciplinas em que seja possível contemplar uma perspectiva geográfica *queer*, no intuito, não somente, de ampliar os horizontes teórico-metodológicos, mas, sobretudo, colocar em suspensão o paradigma de um currículo “voltado para pesquisa” e outro “voltado para o ensino”.

Somado a estes, levantamos as hipóteses: a) as/os estudantes do curso de Licenciatura em Geografia da UEMS/CG consideram as disciplinas pedagógicas do currículo mais apropriadas para contemplar a discussão *queer*-geográfica; b) as/os estudantes do curso de Bacharelado em Geografia da UEMS consideram apenas as disciplinas do núcleo comum, aquelas presentes na matriz curricular tanto do Bacharelado quanto da Licenciatura, para contemplar a discussão *queer*-geográfica.

Para a verificação de tais hipóteses e a elaboração de possíveis respostas ao nosso problema, realizamos a aplicação de questionários junto aos discentes³ dos cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia da UEMS/CG das turmas do 3º e 4º ano. Tal

³ Todos os respondentes estão sob anonimato. Seus nomes foram substituídos por nomes de figuras públicas que são LGBTQIA+ e/ou ativistas.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



recorte de grupo levou em consideração o tempo de experiência que as/os estudantes possuem tanto na formação geral (1º e 2º ano) quanto na formação específica (Bacharelado ou Licenciatura) a partir do 3º ano de curso.

Em termos de fundamentação teórica, realizamos um levantamento bibliográfico sobre as teorias *queer*, em especial Halperin (1995), Louro (1999; 2001; 2003), Miskolci (2007; 2009; 2011), e sobre as produções *queer*-geográficas existentes, em destaque Silva (2003; 2007; 2010), Ornat (2007; 2008; 2010).

Desse modo, o presente trabalho qualifica-se como uma pesquisa exploratória (GIL, 2002), uma vez que intentamos contribuir com a discussão que já vem sendo realizada sobre os estudos *queer* na Geografia, com vistas a acrescentar contribuições no que tange a construção e/ou implementação de currículos de formação de profissionais em Geografia, independente da habilitação ser em bacharelado ou licenciatura.

Teorias *Queer*: breve contexto histórico-conceitual e recepção no Brasil

Os estudos *queer* surgiram na década de 1990, inicialmente no campo linguístico e literário das ciências humanas, sendo posteriormente incorporados às ciências sociais, como sociologia e antropologia (MISKOLCI, 2007).

Especificamente no ano de 1990 a expressão “teoria *queer*” apareceu pela primeira vez na academia norte-americana quando a pesquisadora Teresa de Lauretis, professora do Departamento de História da Consciência da Universidade da Califórnia, organizou na época uma conferência com o tema “*Queer Theory*” (MISKOLCI, 2007). Com efeito, ao unir o termo teoria com a expressão *queer*, Lauretis estava ao mesmo tempo ressignificando e problematizando uma expressão que tinha uso pejorativo, fazendo frente aos estudos científicos referentes às identidades e/ou população LGBTQIA+⁴ (SOUZA, 2017).

Uma das propriedades que definem os estudos *queer* como um campo de produção de conhecimento radical, ou melhor, subversivo, é a sua profusão teórica-metodológica. Ou seja, *queer*, não é considerado pela maior parte dos pesquisadores como uma corrente científica unificada, assim, portanto, algumas autoras e autores preferem utilizar a expressão “teorias *queer*” para evidenciar a pluralidade dos conceitos e das análises que podem ser estabelecidas a partir de uma pesquisa *queer*. Outros autores, por sua vez, utilizam “analíticas *queer*” (SOUZA; CARRIERI, 2010).

Apesar de não ser uma corrente científica estabelecida com modelos técnicos e métodos, a teoria *queer* não deixa de ser uma teoria, pois o que a torna teoria é justamente sua proposta de desafiar e fazer frente às forças que tentam normatizá-la, estabilizá-la e torná-la uma matriz científica (SOUZA, 2017).

⁴ Sigla que se refere aos grupos que experienciam sexualidades e/ou performam identidade de gênero dissidentes: lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, *queer*, intersexuais, assexuais e outros.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Dito isso, a expressão *queer* é colocada numa posição de conceito “aberto”, que se movimenta, e por isso, está em constante (re)inovação (MISKOLCI, 2007). Para tanto, utilizaremos a proposição de *queer* estabelecida por Halperin (1995), que julgamos ser mais adequada para a proposta do presente trabalho.

As the very word implies, “queer” does not name some natural kind or refer to some determinate object; it acquires its meaning from its oppositional relation to the norm. Queer is by definition whatever is at odds with the normal, the legitimate, the dominant. There is nothing in particular to which it necessarily refers. It is an identity, without an essence. “Queer”, then, demarcates not a positivity but a positionality vis-a-vis the normative (...). It is from the eccentric positionality occupied by the queer subject that it may become possible to envision a of possibilities for reordering the relations among sexual behaviors, erotic identities, constructions of gender, forms of knowledge, regimes of enunciation, logics of representation, modes of self-constitution, and practices of community-for restructuring, that is, the relations among power, truth, and desire (HALPERIN, 1995, p. 62)⁵.

Halperin (1995), ao significar *queer* como uma prática, conhecimento, corpo, saber, discurso, narrativa, sexualidade, comportamentos entre outros domínios subjetivos, sociais e/ou históricos que extrapola o normal, o legítimo e/ou dominante, deixa explícito tanto as potencialidades e a necessidade do fazer *queer* (político, científico, artístico, etc.), quanto os desafios que esse fazer *queer* tem a enfrentar diante das relações de poder que são incorporadas a tais domínios.

Finalmente, ao situar os estudos *queer* brasileiros, observamos que no país isso ocorreu de forma lenta, amadurecendo a partir do diálogo entre os pesquisadores de distintas áreas, tanto brasileiros quanto pesquisadores internacionais, juntamente com os movimentos culturais extra-acadêmicos (SOUZA; BENETTI, 2015).

Assim sendo, os estudos *queer* começam a se manifestar na academia brasileira, inicialmente, na área das Ciências Sociais e Educação em meados dos anos de 1990 e início dos anos 2000. A maioria desses estudos e/ou pesquisas foram difundidas a partir das publicações na Revista de Estudos Feministas e Cadernos Pagu, fundada em 1992 e 1993, respectivamente (SOUZA; BENETTI, 2015).

Posto isso, destacamos os trabalhos da pesquisadora e professora Guacira Lopes Louro, os quais fomentaram um terreno frutífero para que os estudos *queer* criassem raízes na academia e educação brasileira. Louro, aliás, foi uma das responsáveis em

⁵ Como a própria palavra indica, “*queer*” não nomeia algum tipo natural ou se refere a algum objeto determinado; adquire seu significado de sua relação de oposição com a norma. *Queer* é, por definição, tudo o que está em desacordo com o normal, o legítimo, o dominante. Não há nada em particular a que se refira necessariamente. É uma identidade, sem essência. “*Queer*”, então, demarca não uma positividade, mas uma posicionalidade vis-à-vis o normativo (...). É a partir da posicionalidade excêntrica ocupada pelo sujeito *queer* que se torna possível vislumbrar uma série de possibilidades de reordenamento das relações entre os comportamentos sexuais, identidades eróticas, construções de gênero, formas de conhecimento, regimes de enunciação, lógicas de representação, modos de autoconstituição e práticas de comunidade - para a reestruturação, ou seja, as relações entre poder, verdade e desejo (HALPERIN, 1995, p. 62 [tradução livre]).

cunhar o conceito “pedagogia *queer*”, uma pedagogia com vistas a tensionar as bases que legitimam o conhecimento científico/senso comum, professor/estudante, normal/anormal e outras normatizações sociais (SOUZA; BENETTI 2015).

No texto seminal “Teoria *Queer* - Uma Política Pós-Identitária para a Educação”, Louro define *queer* como: “estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário” (LOURO, 2001, p. 546). Tais adjetivos ao serem incorporados a pedagogia *queer*, coloca em evidência o paradigma de uma educação que frequentemente está a serviço dos atores hegemônicos, que compactua e reproduz os discursos, normas, ideias e/ou ideais legitimados por estes, destarte, transformando a educação em um dispositivo de controle social e de manutenção de privilégios de determinados grupos. Assim, portanto, fomentar uma educação *queer* é fomentar uma educação transgressora.

Nesse sentido, a Geografia (acadêmica ou escolar), por exemplo, dispõe de distintos elementos, conceitos e/ou categorias que podem fomentar tanto uma pedagogia *queer* como uma educação geográfica *queer*. O primeiro passo, portanto, seria entender como e por onde começar...

A Geografia Crítica e os estudos *queer* em perspectiva

A mobilização da Geografia Crítica no Brasil inicia-se na década de 1970, protagonizado principalmente pelos trabalhos de Milton Santos (1926-2001), e tendo forte influência das produções de Henri Lefebvre (1901-1991), Pierre George (1909-2006) e Yves Lacoste (MOREIRA, 2000). Nesse contexto, aspectos epistemológicos⁶, ideológicos, discursivos, sociais e políticos foram tensionados, revisitados e/ou reformulados, bem como temáticas e conteúdos, considerados até então periféricos do ponto de vista analítico, foram incorporados à ciência geográfica (MOREIRA, 2000).

Apesar dos avanços e renovações, alguns temas demoraram para serem considerados pauta na agenda geográfica, entre os quais, os estudos sobre gênero e a sexualidade, que num primeiro momento, ao receber atenção das/os geógrafas/os, eram reduzidos a uma perspectiva “trabalhista” (marxista) de gênero, ou seja, a divisão de gênero no trabalho, perspectiva esta, que já estava “ultrapassada” nas ciências sociais, em quais os horizontes já eram outros (SILVA, 2003; BORGHI, 2015).

Felizmente, com a mobilização dos estudos e teorias feministas pós-estruturalistas durante a década de 1980 na academia anglo-americana, e a articulação destes com os estudos marxistas, a Geografia passou a avistar outros conhecimentos e/ou fenômenos. Especificamente no ano de 1984, uma mobilização se concretiza na Geografia, com a publicação do *Geography and Gender: An Introduction to feminist Geography*, organizado pelo *Women and Geography Group* do *Institute of British Geographers*. Foi nesse contexto que a Geografia Feminista surgiu como um subcampo da Geografia, e,

⁶ Do grego “episteme” (conhecimento) + “logia” (estudo), ou seja, estudo do conhecimento, especialmente, o científico.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



posteriormente, com as contribuições dos estudos pós-estruturalistas, aquela torna-se a Geografia do Gênero (BORGHI, 2015).

Sobre esta última, Borghi (2015), alega que o diferencial da Geografia do Gênero é que esta passou a investigar também as epistemologias da própria Geografia com o intuito de identificar conceitos, teorias, discursos, estudos aplicados, que permitissem evidenciar a existência de uma epistemologia hegemônica e/ou sexista. Com efeito, a Geografia do Gênero propôs outras categorias e/ou objetos analíticos, como a sexualidade e o corpo (corporalidade). Para mais, começaram a surgir estudos que buscavam compreender as relações de poder que são estabelecidas entre corpo, identidade sexual e espaço, tais estudos, acabaram resultando em a um outro subcampo, a Geografia da Sexualidade (BORGHI, 2015).

Essa ‘virada sexual’ em geografia foi possível graças à afirmação da teoria *queer*. Os *queer studies* permitiram renovar o estudo das relações entre gênero, sexualidade e espaço público. A partir dos anos 1990, esses estudos permitiram que se abandonassem as lógicas binárias (masculino/feminino, homo/hétero) e que se evidenciasse o gênero como paradoxo (BORGHI, 2015, p. 136-137).

No que tange à Geografia brasileira, tanto os estudos de gênero e sexualidade, bem como os estudos *queer*, começaram aparecer na virada dos anos 1990 para os anos 2000 (FARIA, 2018). Entre as produções *queer*-geográficas, destacam-se os trabalhos das geógrafas e dos geógrafos, Silva (1998), Silva (2007; 2010), Ornat (2007; 2008; 2010), Nabozny (2010), Souza e Ratts (2008; 2009), como referências nacionais na temática gênero e sexualidade e estudos *queer* em Geografia.

Ao encaminhar um estudo sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero para as análises geográficas, Silva (2007) identificou na Geografia uma demanda no que tange o fomento e/ou prática de uma “geografia paradoxal”, e que por meio desta seria possível conceber também o “espaço paradoxal”, este, sendo uma proposta teórico-metodológica instituída pela Geografia Feminista, e caracterizado por níveis de tensão e de força. Destarte, a conjugação desses elementos, não só evidenciaria o discurso geográfico hegemônico existente, como também as alternativas de subversão do mesmo.

Tal proposição de subversão dessa Geografia hegemônica orientou o nosso objeto de estudo que se apresenta a partir da reflexão e/ou questionamento dos paradigmas que ainda permanecem nos cursos de formação de professores-pesquisadores em Geografia. Assim sendo, nossa investigação parte de um contexto local, mas, que é efeito de uma produção de conhecimentos que legitimam um determinado modo de fazer ciência.

Dito isso, conduzimos um estudo exploratório com as/os discentes do curso de Geografia da UEMS/CG, com vista a coletar posicionamentos a respeito das possibilidades e/ou limitações que orientam e/ou podem orientar a articulação *queer*-geografia, e assim, consolidar um fazer/saber *queer*-geográfico.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Posicionamentos do corpo discente de Geografia da UEMS/CG

Para a coleta dos dados, foram aplicados questionários junto às turmas do 3º e 4º ano dos cursos de Bacharelado e Licenciatura do curso de Geografia da UEMS/CG; as perguntas foram tanto objetivas quanto dissertativas. O questionário foi composto de 9 questões, dentre as quais selecionamos apenas três para o presente artigo, uma vez que o objetivo do nosso trabalho é refletir sobre o currículo do curso de Geografia da UEMS/CG, bem como identificar possibilidades de convergência entre a ciência geográfica e os estudos *queer*.

As perguntas destacadas foram: “De que forma a Geografia pode contribuir para os estudos de Gênero e Sexualidade?”; “Quais as disciplinas da grade curricular do curso de Bacharelado poderiam contribuir para os estudos de gênero e sexualidade?”; “Quais as disciplinas da grade curricular do curso de Licenciatura poderiam contribuir para os estudos de gênero e sexualidade?”.

Isso posto, foram aplicados 20 questionários⁷ no período entre 01/09/21 a 15/09/21, sendo que 9 respondentes foram do curso de Bacharelado e 11 respondentes foram do curso de Licenciatura. Os questionários foram enviados por e-mail para cada respondente em formato word junto com o termo de consentimento.

Após a sistematização dos dados coletados junto aos questionários, inserimos estes em duas tabelas: “1) como a Geografia pode contribuir para os estudos de gênero e sexualidade?; 2) Em quais disciplinas do curso de Geografia (Bacharelado e Licenciatura) da UEMS/CG os estudos de gênero e sexualidade podem ser incorporados?”, conforme será apresentado a seguir.

Tabela 1: De que forma a Geografia pode contribuir para os Estudos de Gênero e Sexualidade?

Contribuição	Bacharelado	Licenciatura
Conceitos e Categorias em Geografia	1	4
Ensino de Geografia	4	2
Formação Intelectual	1	2
Discussão Cultural	1	3

⁷ Todos os respondentes estão sob anonimato. Seus nomes foram substituídos por nomes de figuras públicas que são LGBTQIA+ e/ou ativistas

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Estudos Populacionais	1	1
Não Contribui	1	0

Elaborado pelo autor (2021).

Observa-se que para as/os respondentes do curso de Bacharelado, a maior contribuição que a Geografia pode dispor à discussão de gênero e sexualidade é por meio do ensino de Geografia, ou seja, a discussão de gênero e sexualidade é, sobretudo, uma “responsabilidade” do licenciado em Geografia. A seguir destacamos alguns enunciados, nesse sentido:

“*Na licenciatura ensinando alunos o respeito ao próximo e a tolerância*” (Ana Carolina/Bacharelado, 3º ano).

“*Entendo que os debates sobre gênero e toda a sua interseccionalidade **precisam estar presentes dentro das salas de aula dos cursos de Licenciatura para ajudar na preparação dos futuros dos jovens na atualidade***” (Lorelay Fox/Bacharelado, 4º ano).

“*Pois a Geografia também tem papel fundamental na **construção social do aluno**, na sua interação em sociedade além de permitir que ele se entenda como um ser crítico...*” (Ney Matogrosso/Bacharelado, 4º ano).

Outras possibilidades de contribuição foram mencionadas: Conceitos e categorias geográficas; Discussão cultural; Estudos populacionais. A respeito destes, destacamos o argumento de Pablllo Vittar:

“*Considerando de **forma mais técnica, creio que estudos sobre a espacialização das pessoas tema dos estudos, relacionando dados do Censo Demográfico, com saúde pública, segurança, zonas de perigo e etc***” (Pablllo Vittar/Bacharelado, 4º ano).

Mesmo destacando a “análise técnica” em Geografia, o estudante elenca elementos que constituem a Geografia humano-física, haja vista que as temáticas são interdisciplinares.

Nos argumentos que se dirigiram a Geografia escolar como a responsável em tratar das temáticas *queer*, percebe-se a influência do paradigma da dicotomia formação técnica versus formação docente, que advoga que o bacharel deve se ater prioritariamente a discussões e/ou estudos físicos-naturais, laboratoriais, estatísticos, computacionais etc., com efeito, demandas como estudos *queer* são reduzidas e/ou restritas à docência e aos espaços educacionais.

A respeito desta problemática existente nos cursos de formação de Geografia, Silva (2007), aponta:

Acredita-se que uma grande contribuição à Geografia seria dada se começássemos a analisar a dicotomia existente nessa ciência desde a universidade, a partir do ensino da geografia, buscando neutralizá-la e formar profissionais com visão global da realidade. Mais tarde, com a especialização em um ramo da geografia, esse profissional não perderá de vista a visão global, pois sua formação universitária lhe terá dado subsídios para tanto (SILVA, 2007, p. 47).

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Entre as/os respondentes do curso de licenciatura, observamos que a maior parte dos posicionamentos das/dos estudantes não reduziram estudos de gênero e sexualidade como uma discussão restrita ao ensino de Geografia e/ou Geografia escolar. Ao contrário disso, foram mencionadas as potenciais áreas e/ou disciplinas do referido curso, por meio das quais o debate de gênero e sexualidade pode ser encaminhado, sendo os estudos dos conceitos e categorias geográficas o mais citado, seguida pela Geografia Cultural, conforme observa-se nos seguintes enunciados:

“A geografia estuda sobre os espaço e lugar, então pode se relacionar esse tema com o espaço e lugar, tentando entender como as pessoas de gêneros diferentes estão se configurando ao longo dos anos” (Gloria Groove/Licenciatura, 3º ano).

“(…) a ciência geográfica pode contribuir com estudos voltados à espacialização sobre o tema, assim como as discussões sobre em que contexto social ocorre o preconceito sobre o tema” (Camila Pitanga/Licenciatura, 4º ano).

Tanto na resposta da Gloria Groove quanto na resposta de Camila Pitanga são mencionados conceitos e categorias que constituem a epistemologia da Geografia (espaço; lugar; espacialização). Em ambas respostas, o direcionamento central é a investigação de como ocorre a reprodução do espaço por parte de sujeitos constituídos de gênero e/ou sexualidade dissidentes.

Para mais, a Geografia Cultural também foi citada como área da Geografia que apresenta contribuição para a discussão de gênero e sexualidade. Assim sendo, destacamos o argumento de Daniela Mercury:

“Com os temas que abordam o multiculturalismo e a identidade de gênero, mas deve se ter um cuidado com o modo como é abordado, pois ainda há muita resistência por parte dos conservadores” (Daniela Mercury/Licenciatura, 3º ano).

Ao fazer uso do termo “multiculturalismo”, Daniela Mercury dialoga com a abordagem cultural geográfica, uma vez que tais termos fazem parte da “gramática” do referido campo. Outro aspecto interessante em sua resposta é a percepção da estudante sobre as reiterações de atores conservadores no que tange o debate de gênero e sexualidade na academia outras instituições de ensino: “deve se ter um cuidado com o modo como é abordado, pois ainda há muita resistência por parte dos conservadores”, aqui, consideramos que a estudante possui como referência os ataques de movimentos conservadores que a educação brasileira tem sofrido, sobretudo, a caça à ideologia de gênero nas escolas e/ou universidades encaminhada pela esfera governamental⁸

Sublinhamos também o posicionamento do estudante Paulo Gustavo, que em sua resposta articulou os estudos de conceitos e categorias em Geografia e a Geografia Cultural com a discussão de gênero e sexualidade. O estudante defende que a Geografia

⁸ Para saber mais consulte Schibelinski (2020).

é, por si, uma ciência dotada de elementos e/ou instrumentos que possibilita o estudo dos mais diversos fenômenos.

“A Geografia tem um grande potencial para explicar e analisar diferentes fenômenos que englobam os Estudos de Gênero e Sexualidade, a partir da utilização de seus conceitos e categorias de análise como território, territorialidade, lugar, construção socioespacial, segregação espacial, entre outros. Além disso, a geografia pode dar subsídios básicos para entender como se dão as construções identitárias e as culturas inerentes a cada grupo, população ou sociedade” (Paulo Gustavo/Licenciatura, 4º ano).

Em prosseguimento, a outra questão que orientou nossa reflexão foi: Quais disciplinas do seu curso (Bacharelado ou Licenciatura) podem contribuir e/ou incorporar os Estudos de Gênero e Sexualidade? No questionário foram apresentadas as disciplinas que fazem parte da grade curricular do 3º e 4º ano de ambos os cursos; solicitamos aos respondentes assinalarem a(s) disciplina(s) que eles/elas achavam que podiam contemplar a discussão de gênero e sexualidade.

A partir dos resultados obtidos no questionário, problematizamos as disciplinas mais citadas e apresentamos alternativas e/ou possibilidades em termos de discussões, debates, pesquisas e/ou projetos nestas, e que assim, venham a possibilitar a produção de um conhecimento *queer*-geográfico.

Apresentamos, primeiramente, os resultados obtidos entre as/os respondentes do curso de Bacharelado, em seguida, os resultados do curso de Licenciatura.

Tabela 2: Quais disciplinas do curso de Bacharelado podem contribuir e/ou incorporar os Estudos de Gênero e Sexualidade?

DISCIPLINAS ⁹

⁹ Em *itálico* as disciplinas que fazem parte do núcleo específico da matriz curricular do Bacharelado.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Dinâmicas Populacionais (7)	História do Pensamento Geográfico (3)	Iniciação à Pesquisa em Geografia (3)	Região e Regionalização (3)	<i>Administração de Empresas, Empreendedorismo e Inovação</i> (3)	<i>Construção e Análise de Indicadores Geoespaciais</i> (2)
Conceitos e Categorias em Geografia (2)	Geografia de Mato Grosso do Sul (2)	<i>Planejamento e Gestão de Fronteira</i> (2)	<i>Planejamento e Gestão de Turismo</i> (2)	Geografia Urbana (2)	Geografia Agrária (1)
Geografia Econômica (1)	<i>Planejamento e Gestão Territorial</i> (1)	<i>Planejamento e Gestão Urbana</i> (1)	<i>Saneamento Básico</i> (1)	Biogeografia (1)	<i>Teoria e Método em Geografia</i> (1)

Elaborada pelo autor (2021).

Conforme podemos observar no quadro acima, a maior quantidade de disciplinas citadas entre as/os estudantes do curso de Bacharelado são aquelas que constituem o núcleo específico (10), ou seja, estão presentes apenas na grade curricular do Bacharelado. Entretanto, as disciplinas que mais se repetiram nas respostas compõem o núcleo comum, ou seja, tanto do currículo de Bacharelado quanto da Licenciatura. Dessa forma, a nossa hipótese de que os bacharelados valorizam mais as disciplinas do núcleo comum, foi parcialmente confirmada. Discorremos sobre as mais citadas.

Observa-se que segundo as/os estudantes os estudos de gênero e sexualidade, podem contribuir, primeiramente, para com a disciplina de Dinâmicas Populacionais qual foi citada 7 vezes. Tal resultado não nos surpreende, considerando que o título da disciplina, bem como sua ementa tem como objeto de discussão os grupos sociais (população) e suas dinâmicas no espaço. Todavia, sabemos que um dos paradigmas existentes na disciplina em questão diz respeito a abordagem estritamente estatística, tecnicista e/ou positivista. Por exemplo, quando há uma atividade em que é solicitado uma reflexão sobre a pirâmide etária, a discussão corre o risco de permanecer apenas nos dados do censo (estatística) e não contemplar conteúdos socioculturais em quais o gênero e a sexualidade poderiam ser abordados. Portanto, o que fazer para incorporar o pensamento *queer* em tal disciplina? Uma das possibilidades, seria propor questionamentos e/ou debates, tais como: a taxa de expectativa vida feminina é igual ou diferente entre mulheres cisgênero e mulheres transgênero? (Gênero); No interior da taxa de homicídio masculina, há uma diferença entre homicídios de homens heterossexuais e homens homossexuais? (Sexualidade); No interior da taxa de mortalidade infantil, há uma diferença entre bebês e/ou crianças no que tange o sexo?. Tais questionamentos além de contribuir para o debate de gênero e sexualidade, expandem o horizonte para uma pesquisa *queer*-geográfica.

Outra disciplina do núcleo comum que foi citada entre as/os estudantes e que nos chamou atenção, foi História do Pensamento Geográfico. Tal disciplina é conhecida por seu caráter teórico e por apresentar à/ao graduanda/o as epistemologias clássicas e

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

contemporâneas responsáveis pela instituição da Geografia enquanto ciência. Num primeiro momento, surpreende saber que as/os discentes conseguem “visualizar” gênero e sexualidade em tal disciplina. Mas, não poderia ser diferente! Afinal, quem foram as/os responsáveis por fundar a Geografia? Homens ou mulheres? (Gênero); No que tange às escolas clássicas de Geografia há alguma geógrafa de referência, ou apenas geógrafos? E por que isso ocorreu? (Gênero). Esses são alguns exemplos de questionamentos que possibilitam uma discussão mais ampla no que tange a História do Pensamento Geográfico, uma vez que a ciência sempre foi um campo de disputa por diversos motivos, inclusive pela questão de gênero.

Entre as disciplinas do núcleo específico do curso de Bacharelado, a mais citada foi Administração de Empresas, Empreendedorismo e Inovação (3), seguida pelas disciplinas Construção e Análise de Indicadores Geoespaciais (2), Planejamento e Gestão de Fronteira (2) e Planejamento e Gestão de Turismo (2).

Em relação à primeira, inferimos que as/os estudantes têm como referência a relação trabalho-gênero. Sabemos que a disparidade no que tange a remuneração entre mulheres e homens é significativa na realidade brasileira, bem como no mercado de trabalho global. Ao situar o debate na Geografia, especificamente na referida disciplina, as/os docentes e as/os estudantes podem lançar mão de questionamentos que articulam não só trabalho-gênero, mas fazer uso de um tripé analítico espaço-trabalho-gênero, fazendo com que a discussão não seja reduzida a um discurso corporativista.

Outrossim, destacamos a disciplina de Planejamento e Gestão de Fronteira, esta que apresenta inúmeras possibilidades para a discussão de gênero e sexualidade, ainda mais por ser uma disciplina presente num curso de Geografia de uma universidade pública, a qual está localizada num estado federativo que faz fronteira¹⁰ com dois países, Bolívia e Paraguai.

Só esse contexto socioespacial já nos indica os potenciais estudos, pesquisas, discussões que podem ser realizadas contemplando o gênero e sexualidade, por exemplo: a renda e/ou remuneração de mulheres bolivianas que residem e trabalham na cidade de Corumbá é igual a renda e/ou remuneração das trabalhadoras brasileiras? (Gênero); a taxa de homicídio de homens paraguaios que residem na cidade de Ponta Porã é igual ou maior que a taxa da cidade de Pedro Juan Caballero? (Gênero).

De todo modo, estas são algumas das inúmeras possibilidades que elencamos e que acreditamos que são possíveis de serem incorporadas no interior do curso de Bacharelado em Geografia para o fomento de uma formação *queer*-geográfica, uma vez que os questionamentos e/ou debates realizados em tais disciplinas podem resultar em objetos de estudo para execução de pesquisas e/ou projetos.

Considerações feitas, passamos agora aos resultados dos respondentes da Licenciatura.

¹⁰ A cidade de Corumbá faz fronteira com a cidade boliviana de Puerto Quijarro; A cidade de Ponta Porã faz fronteira com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Tabela 3: Quais disciplinas do curso de Licenciatura podem contribuir e/ou incorporar os Estudos de Gênero e Sexualidade?

DISCIPLINAS ¹¹			
<i>Seminários Integradores Transversais</i> (11)	Dinâmicas Populacionais (10)	<i>Geografia, Cultura e Identidade</i> (8)	<i>Política Educacional Brasileira e Gestão Escolar</i> (8)
<i>Psicologia da Educação</i> (8)	Geografia Urbana (7)	<i>História e Filosofia da Educação</i> (7)	Conceitos e Categorias em Geografia (6)
<i>Didática</i> (6)	<i>Geografia do Brasil I e II</i> (6) ¹²	<i>Língua Brasileira de Sinais</i> (5)	<i>Organização do Espaço Mundial</i> (5)
<i>Prática e Produção de Materiais Didáticos</i> (5)	<i>Formação Territorial do Brasil</i> (4)	<i>Fundamentos e Metodologias para Ensino de Geografia</i> (4)	<i>Fundamentos em Educação Especial</i> (4)
<i>Geografia da América Latina</i> (4)	Região e Regionalização (4)	Biogeografia (3)	<i>Epistemologia em Geografia</i> (3)
<i>Instrumentalização para o Ensino: África, Oceania, Europa, Ásia e Américas</i> (3) ¹³	Geografia Agrária (2)	Geografia de Mato Grosso do Sul (2)	<i>Geografia e Meio Ambiente</i> (2)
História do Pensamento Geográfico (2)	Iniciação à Pesquisa em Geografia (2)	<i>Cartografia Escolar</i> (1)	<i>Economia do Território</i> (1)
<i>Geotecnologias Aplicadas no Ensino</i> (1)	<i>História Econômica Geral</i> (1)	Introdução à Cartografia (1)	Pedologia (1)

Elaborado pelo autor (2021).

Em contato com os questionários respondidos pelas/os licenciandos, ao analisar as disciplinas selecionadas do referido curso para contribuição e/ou incorporação das temáticas *queer*, observou-se que a discussão de gênero e sexualidade têm a contribuir, sobretudo, para com a disciplina “Seminários Integradores às Transversalidades para o Ensino de Geografia”, a qual foi citada 11 vezes. Trata-se de uma disciplina do núcleo específico, ou seja, restrita ao currículo do curso de licenciatura. Ademais, em segundo

¹¹ Em *itálico* as disciplinas que fazem parte do núcleo específico da matriz curricular da Licenciatura.

¹² Trata-se de duas disciplinas, todavia, agrupamos em uma, pois, referem-se a um mesmo objetivo pedagógico e/ou curricular.

¹³ Trata-se de três disciplinas separadas entre os continentes, todavia, agrupamos em uma, pois, referem-se a um mesmo objetivo pedagógico e/ou curricular.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

lugar temos a disciplina “Dinâmicas Populacionais” qual foi citada 10 vezes, sendo uma disciplina do núcleo comum (Bacharelado e Licenciatura), seguida pelas disciplinas de “Geografia, Cultura e Identidade”, “Política Educacional Brasileira e Gestão Escolar” e “Psicologia da Educação”, quais foram citadas 8 vezes pelas/os estudantes, e que contemplam apenas o curso de licenciatura.

No total foram citadas 35 disciplinas, sendo 24 do núcleo específico (Licenciatura) e 11 do núcleo comum (Bacharelado e Licenciatura). Isto, aliás, nos direciona para a confirmação da nossa hipótese de que os licenciandos tendem a valorizar as disciplinas de caráter pedagógico, ou seja, restritas ao currículo de licenciatura como potenciais áreas em que as discussões sobre gênero e sexualidade podem ser fomentadas.

Diante do “favoritismo” pela disciplina de “Seminários Integradores às Transversalidades para o Ensino de Geografia”, inferimos que a possibilidade das/os estudantes em visualizar a temática de gênero e sexualidade incorporada à disciplina, leva em conta sua ementa qual, estabelece como um dos objetivos a discussão e/ou debate de temas transversais concernentes ao ensino de Geografia na educação básica, sendo o tema cidadania um destes, outrossim, observamos que alguns posicionamentos da questão anterior sobre a contribuição da Geografia para os estudos *queer* o termo “cidadania” foi citado. Isso posto, compreende-se que a discussão sobre a cidadania articulada com as temáticas de gênero e sexualidade, pode apresentar como pauta os preconceitos e/ou discriminações manifestados na sociedade e que são direcionados a sujeitos constituídos de gêneros e/ou sexualidades dissidentes, limitando inclusive o exercício da cidadania de tais sujeitos em qualquer situação e/ou espaço, sendo a escola um destes.

Ademais, a produção geográfica articulada com a temática da cidadania já se tornou consolidada em diversas frentes, sobretudo, no ensino, assim sendo, vale destacar, os trabalhos de Cavalcanti (1999; 2020), Elias (2003), Callai (2018), Deon e Callai (2018), Farias (2021).

A segunda disciplina mais citada do núcleo específico de licenciatura foi “Geografia, Cultura e Identidade”, a qual apresenta no seu nome dois conceitos que estão presentes na epistemologia dos estudos de gênero e sexualidade que são “Cultura” e “Identidade”. Mas, e na Geografia? Como podemos articular gênero e sexualidade na perspectiva *queer* com a abordagem cultural e/ou identitária geográfica?

Uma vez que a referida disciplina apresenta em sua bibliografia textos sobre a cultura e identidade dos povos tradicionais e povos africanos, mais especificamente, os grupos étnicos existentes em Mato Grosso do Sul, estes, felizmente, possibilitam a discussão e/ou debates sobre a divisão e/ou organização do trabalho nas culturas tradicionais e/ou africanas (Gênero); as formas de representação e/ou organização política nas comunidades tradicionais e/ou africanas (Gênero); modelos de relacionamentos conjugais e/ou afetivos entre os povos tradicionais e/ou africanos (Gênero/Sexualidade); os ritos de iniciação para a vida adulta e/ou experiências sexuais (Gênero/Sexualidade),

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

entre outras possíveis abordagens que podem fomentar a produção de um conhecimento cultural geográfico de caráter *queer*.

Na Geografia destacam-se os trabalhos de Lorena Souza e Alecsandro Ratts (2008; 2009) em quais são apresentadas as articulações entre raça, gênero e Geografia. Existem ainda trabalhos de outras ciências sobre a questão étnica e/ou racial na perspectiva *queer*, em destaque Fernandes (2017); Cariaga (2016) e Silva (2016), e que podem ser utilizados por nós geógrafos e geógrafas para a mobilização de um conhecimento *queer* interdisciplinar.

Das disciplinas do núcleo comum, a mais citada foi Dinâmicas Populacionais (10). Tendo em vista que já tecemos nossas considerações sobre a mesma na análise das respostas das/dos discentes do Bacharelado, e que, portanto, tais considerações também se aplicam para o curso de Licenciatura, destacamos a disciplina de Geografia Urbana, qual foi citada 7 vezes e que também contempla os currículos de ambos os cursos.

A introdução das temáticas de gênero e sexualidade na Geografia Urbana é, para nós, imprescindível, uma vez que o espaço urbano é produzido e consumido de forma distintas, tendo nas bases dessa produção e consumo a divisão do trabalho, a divisão de classes, a questão de raça, e obviamente, a questão de gênero e sexualidade. Contudo, observa-se na Geografia Urbana uma produção significativa de pesquisas e/ou projetos restrita, muita das vezes, a uma leitura marxista e/ou economicista do espaço urbano, e que investigam objetos que fazem parte da conjuntura de reprodução capitalista do mesmo. Frente a tal paradigma, uma das alternativas, seria, portanto, a articulação entre Geografia Urbana e as temáticas *queer*, que nos possibilita investigar fenômenos e/ou sujeitos, analisar práticas, contextos, no que tange às dinâmicas de reprodução espaço urbano para além daquelas já consolidadas.

Assim, alguns questionamentos podem nos servir como ponto de partida, tais como: os casos de feminicídio em Campo Grande ocorrem mais em bairros que constituem a periferia da zona sul ou em bairros que constituem a periferia da zona norte da cidade? (Gênero); os casos relatados de violência física por sujeitos gays e/ou transgêneros ocorrem com mais frequência na periferia Campo Grande por quê? (Gênero/Sexualidade); O número de casos de assédio contra as mulheres que trabalham no comércio da Rua 14 de Julho no centro de Campo Grande é maior e/ou menor que o número de assédios relatados pelas mulheres que trabalham no Shopping Campo Grande? (Gênero). Para mais, os trabalhos da geógrafa Joseli Silva (2003; 2007; 2008; 2010) e do geógrafo Marcio Ornat (2007; 2008; 2010) são grandes tônicas no que se refere aos estudos urbanos em Geografia orientados pela perspectiva *queer*.

Finalmente, diante das múltiplas indicações de potenciais disciplinas para a discussão de gênero e sexualidade na Geografia encaminhadas pelas/os discentes dos cursos Bacharelado e Licenciatura, o que fizemos aqui foi um exercício de apontar possíveis alianças entre a Geografia e as teorias *queer*, uma vez que, mencionar e/ou realçar algumas destas, ainda que preliminarmente, nos mobilizam para a produção de

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

um conhecimento e uma formação acadêmica, sem fronteiras e/ou limites inertes teórico-metodológicos.

Considerações Finais

As ideias, bem como os argumentos, apresentados neste trabalho não pretendem de forma alguma impor um discurso sobre como os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia da UEMS/CG devem “se comportar” a partir de agora, ou ainda, que os mesmos devem imediatamente tornar-se *queer*. Isto, no mínimo, seria uma contradição diante de todo nosso exercício teórico-metodológico percorrido, outrossim, uma vez que os estudos *queer* desconsideram qualquer modelo e/ou discurso normatizador, a nossa postura deve, portanto, encorajar tal movimento.

Dessa forma, o nosso intuito foi mapear algumas lacunas e/ou “vazios” existentes nos currículos de formação em Geografia, considerando que estes tendem a contemplar de forma superficial e ou introdutória determinados temas e/ou fenômenos, detendo-se, portanto, em um molde já cristalizado de produção de conhecimento.

Ademais, o trabalho empírico local e seus resultados não estão isolados e/ou são especiais, pelo contrário, fazem parte de um campo de disputa, o currículo, no qual emergem interesses distintos que favorecem seus respectivos atores (STRAFORINI, 2018). E a Geografia, enquanto uma ciência humana, com uma função social e, principalmente, política, está totalmente inserida nesta conjuntura.

Nesse sentido, ao utilizarmos os cursos de Bacharelado e Licenciatura em Geografia da UEMS/CG e as narrativas de seu corpo discente como meios para compreender como estas disputas emergem-se, observamos que estas, se dão de maneira particular, uma vez que os contextos em que são inscritas diferem-se entre si, contudo, o produto é o mesmo, advogar o modo hegemônico de fazer ciência, no nosso caso, de fazer geografia.

Frente a esse cenário, o movimento de transformação, o tornar *queer* a Geografia, e por consequência, o saber e o fazer geográfico, exige de nós geógrafos e geógrafas, uma postura crítica para além da discussão da matriz curricular. É necessário, antes de mais nada, fomentar a aliança e/ou convergência entre a Geografia e teorias *queer*, na tentativa de encaminhar subversões no interior das epistemologias e conceitos geográficos, trazendo à superfície aquelas e aqueles que se encontravam, até então, submersos.

“E por onde começar?”, a resposta para tal, pode ser elaborada a partir de alguns questionamentos: que tipo de conhecimento e/ou saber geográfico está sendo legitimado? Qual discurso nós estamos reproduzindo nos currículos de Geografia? E, principalmente, para o que e a quem a formação geográfica serve? Em algumas destas, provavelmente, encontraremos o ponto de partida.

Referências bibliográficas

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:
PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

BORGHI, Rachele. O Espaço à Época do Queer: contaminações queer na Geografia Francesa. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 6, n. 2, p. 133 - 146, ago. / dez. 2015. (Tradução: Maria Helena Lenzi). Disponível em: <<https://doi.org/10.5212/RIagg.v.6.i2.0009>>. Acesso em: 27, set. 2021.

CALLAI, Helena Copetti. Educação geográfica para a formação cidadã. **Rev. geogr. Norte Gd.**, Santiago, n. 70, p. 9-30, set. 2018. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-34022018000200009&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 18 jan. 2022.

CARIAGA, Diogenes Egidio. Gênero e sexualidades indígenas: alguns aspectos das transformações nas relações a partir dos Kaiowa em Mato Grosso do Sul. **Cadernos de Campo (São Paulo - 1991)**, v. 24, n. 24, p. 441-464, 2016. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/108628>>. Acesso em: 30 out. 2021.

CAVALCANTI, Lana Souza. A cidadania, o direito à cidade e a geografia escolar - Elementos de geografia para o estudo do espaço urbano. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 3, n. 1, p. 41-55, 1999. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geousp/article/view/123346>>. Acesso em: 18 maio. 2022.

CAVALCANTI, Lana Souza. Formar para a vida urbana cidadã como meta para o professor de Geografia: aportes teóricos e ensinamentos da experiência. **AGALI journal**, v. 10, p. 45-64, 2020. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7461254>>. Acesso em: 18 maio. 2022.

DEON, Alana Rigo; CALLAI, Helena Copetti. A EDUCAÇÃO ESCOLAR E A GEOGRAFIA COMO POSSIBILIDADES DE FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA. **Revista Contexto & Educação**, v. 33, n. 104, p. 264-290, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/6741>>. Acesso em: 18 maio. 2022.

ELIAS, Denise. Milton Santos: a construção da geografia cidadã. **Geosul**, Florianópolis, v.18, n.35, p. 131-148, jan./jun. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/13606/12472>>. Acesso em: 18 maio. 2022.

FARIA, Ruan Pinheiro do Nascimento. **Concepções de Gênero e Sexualidade no Ensino de Geografia em Escolas Públicas de Goiânia, Goiás**. 137f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Goiás: Instituto de Estudos Socioambientais (IESA), Goiânia, 2018.

FARIAS, Paulo Sergio Cunha. A GEOGRAFIA ESCOLAR CRÍTICA E A FORMAÇÃO PARA A CIDADANIA. **Revista GeoSertões**, v. 5, n. 10, p. 12-39, mar. 2021. Disponível em:

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

<<https://cfp.revistas.ufcg.edu.br/cfp/index.php/geosertoos/article/view/1649>>. Acesso em: 18 maio. 2022.

FERNANDES, Estevão Rafael. O que a homossexualidade indígena pode nos ensinar sobre o Colonialismo - e como resistir a ele. **SOMANLU (UFAM)**, v. 17, p. 103-118, 2017. Disponível em: <<https://doi.org/10.29327/233099.17.1-6>>. Acesso em: 30 out. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

HALPERIN, David M. **Saint Foucault: towards a gay hagiography**. Oxford: Oxford University Press, 1995.

LOURO, G. L. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. **Estudos Feministas**: Florianópolis, 2001, v. 9, n. 2, p. 541-553. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200012>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

LOURO, Guacira Lopes. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. **Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 363-369. Disponível em: <<https://www.contemporanea.ufscar.br/index.php/contemporanea/article/view/87>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. In: **16º Congresso de Leitura do Brasil (COLE), 2007, Campinas. No Mundo há muitas armadilhas e é preciso quebrá-las**. Campinas: ALB Associação de Leitura do Brasil, v. 1., 2007, p. 1-19. Disponível em: <https://alb.org.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais16/prog_pdf/prog03_01.pdf>. Acesso em: 28 jun. 2021.

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, RS, n. 21, maio 2009. ISSN 1807-0337. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/sociologias/article/view/8863>>. Acesso em: 27 jun. 2021.

MOREIRA, Ruy. Assim se Passaram Dez Anos - A Renovação da Geografia Brasileira no Período 1978-1988. **GEOgraphia**, v. 2, n. 3, p. 27-49, 16 set. 2009. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2000.v2i3.a13373>>. Acesso em: 29 jun. 2021.

NABOZNY, Almir; ORNAT, Marcio Jose. GEOGRAFIA E GÊNERO: da crítica à racionalidade a uma aproximação pós-estruturalista (geography and gender: from the critique of rationality toward post-structuralism). **Mercator**, Fortaleza, v. 8, n. 15, p. 29 a 35, jun. 2009. Disponível em: <<http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/225>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

ORNAT, Marcio Jose. Sobre Espaço e Gênero, Sexualidade e Geografia Feminista. **Terr@Plural**, Ponta Grossa, 2 (2): 309-322, jul./dez., 2008. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/tp/article/view/1182>>. Acesso em: 26 jun. 2021.

ORNAT, Marcio; SILVA, Joseli Maria. Deslocamento cotidiano e gênero: acessibilidade diferencial de homens e mulheres ao espaço urbano de Ponta Grossa Paraná. **Revista de História Regional**, v. 12, n. 1, 23 out. 2007. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2243>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

REIS, Maíra Lopes. ESTUDOS DE GÊNERO NA GEOGRAFIA: UMA ANÁLISE FEMINISTA DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO. **Espaço e Cultura**, n. 38, p. 11-34, dez. 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.12957/espacoecultura.2015.29067>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SCHIBELINSKI, Diego. “Isso é coisa do capeta!”: o papel da “ideologia de gênero” no atual projeto político de poder. **Retratos da Escola**, v. 14, n. 28, p. 15–38, 2020. Disponível em: <<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1131>>. Acesso em: 23 jan. 2022.

SILVA, Joseli Maria. UM ENSAIO SOBRE AS POTENCIALIDADES DO USO DO CONCEITO DE GÊNERO NA ANÁLISE GEOGRÁFICA. **Revista de História Regional**, v. 8, n. 1, 28 set. 2007. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/rhr/article/view/2167>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SILVA, Joseli Mari.; ORNAT, Marcio Jose. Espaço urbano, poder e gênero: uma análise da vivência travesti. **Revista de Psicologia da UNESP**, v. 9, p. 78-90, 2010. Disponível em: <<https://seer.assis.unesp.br/index.php/psicologia/article/view/429>>. Acesso em: 09 jul. 2021.

SILVA, Paulo de Tássio Borges da. Biopolítica e normalização identitária em sexualidades indígenas. **Amazônica - Revista de Antropologia**, v. 8, n. 2, p. 396-414, out. 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.18542/amazonica.v8i2.5049>>. Acesso em: 30 out. 2021.

SILVA, Sérgio Henrique Pinto. GEOGRAFIA FÍSICA E GEOGRAFIA HUMANA: uma dicotomia a ser superada?. **Outros Tempos: Pesquisa em Foco - História**, v. 4, n. 4, 2007. Disponível em: <https://www.outrostempos.uema.br/index.php/outros_tempos_uema/article/view/411>. Acesso em: 13 out. 2021.

SILVA, Suzana Maria Veleda da. Geografia e Gênero/ Geografia Feminista-o que é isto?. **Boletim Gaúcho de Geografia**, Porto Alegre, v. 23, p. 105-120, 1998. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38385>>. Acesso em: 08 jul. 2021.

SOUZA, Eloisio Moulin de. A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 21, n. 3, p.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

308-326, 11. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-7849rac2017150185>>. Acesso em: 19 jun. 2021.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica Queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **Revista de Administração Mackenzie**, v. 11, n. 3, art. 2, p. 46-70, 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1678-69712010000300005>>. Acesso em: 24 jan. 2022.

SOUZA, Fábio Feltrin de; BENETTI, Fernando Jose. Historiografando a abjeção: uma arqueografia dos estudos queer no Brasil. **Contemporâneos: Revista de Artes e Humanidades (Online)**, v. 11, p. 1-13, 2015. Disponível em: <<https://www.revistacontemporaneos.com.br/n12/artigos/historiografandoabjecao.pdf>>. Acesso em: 29 out. 2021.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. **Estudos Avançados**, v. 32, n. 93, p. 175-195, 2018. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/152621>>. Acesso em: 29 out. 2021.

TILIO, Rafael de. Teorias de gênero: principais contribuições teóricas oferecidas pelas perspectivas contemporâneas. **Revista Gênero (Niterói)**, v. 14, p. 125-148, 2014. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/rg.v14i2.626>>. Acesso em: 22 set. 2021.

WOLFF, Cristina Scheibe; SALDANHA, Rafael Araújo. Gênero, sexo, sexualidades - Categorias do debate contemporâneo. **Retratos da Escola**, v. 9, n. 16, p. 29-46, 2015. Disponível em: <<https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/482>>. Acesso em: 05 jul. 2021.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

PEQUENO, Victor Dantas Siqueira; PEREIRA, Ana Paula Camilo. POR UMA FORMAÇÃO *QUEER*-GEOGRÁFICA: posicionamentos discentes do curso de Geografia da UEMS/CG. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 8, nº 17, pp. 188-213, jul. 2022.

Submissão em: 28/01/2022. Aceito em: 26/06/2022.



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons